

CÔ AVISÃO

CULTURA E CIÊNCIA

CÂMARA MUNICIPAL
DE VILA NOVA DE FOZ CÔA

N.º 10 – ago de 2008

Os restos têxteis que envolvem um tesouro monetário

Fabienne Médard

1 - Objecto

Referências

Proveniência: Portugal, sítio arqueológico do Vale do Mouro (Coriscada), escavação do ano 2007.

Responsáveis: António do Nascimento Sá Coixão e Tony Silvino.

Datação: Século IV d.C.

Contexto de escavação: Q13/Sector XII

Descrição

Seis fragmentos provenientes da mesma peça têxtil são individualizados (fig. 1).

1 : 16 x 8 cm.

2 : 6 x 6 cm

3 : 4,5 x 2,5 cm

4 : 2,5 x 1,5 cm

5 : 2 x 1,5 cm

6 : 2 x 1,5 cm

Textura : maleável

Cor: cru. Nenhum vestígio de coloração é perceptível

As únicas cores que comparecem são consequência da oxidação dos metais que contactaram com o tecido durante vários séculos. Observa-se as cores ferrugem e esverdeado. O tesouro monetário protegido por este conjunto têxtil era constituído por moedas em cobre e bronze. Houve posteriormente um contacto com o tecido por parte de objectos em ferro que se encontravam armazenados no mesmo espaço (daí a cor ferrugem detectada após a exumação) (fig. 2).

Condições de conservação : não se encontrando o tecido mineralizado, é pouco provável que o metal (moedas) tivesse tido alguma função na sua conservação. A sua flexibilidade, a sua textura e a sua cor apontam para uma preservação em meio seco.

2 – Análise Técnica

Matéria-prima

Na ausência de uma análise das fibras ao microscópio, o diagnóstico baseou-se no exame macroscópico. Nenhuma discrepância de textura comparece na urdidura ou na trama: trata-se de um tecido confeccionado a partir de uma mesma matéria.

Um exame pormenorizado dos fios permite observar um certo brilho nas fibras (aspecto “sedoso”), uma rigidez no material e uma disposição das fibras em finos feixes. Estas observações parecem indicar a utilização de uma fibra vegetal para a confecção do tecido.

Este diagnóstico confirma-se pela presença de pequenas correias pontualmente solidárias das fibras; trata-se provavelmente de feixes mal divididos ou de impurezas que não foram reduzidas na altura do tratamento da filaça (fig. 3). Característico das substâncias de origem vegetal, estes elementos testemunham ainda a fraca qualidade de preparação das fibras. Trata-se de uma matéria-prima, talvez linho ou cânhamo, que não era destinada a tecelagem de finos estofos.

Orientação

Nenhum elemento permite *a priori* orientar o tecido (orlas, bordaduras, costuras, especificidades técnicas, decoração, ...). Na ausência de índices evidentes, os sentidos urdidura e trama são notificados OY e OX, segundo o modelo quadriculado (fig. 4).

Fios

Duas tipologias de fios são utilizadas na tecelagem : os fios simples de torsão em « S » e os fios retorcidos de torsão em « Z » (Z2s) (fig. 5).

Os diâmetros são variáveis dentro de uma mesma categoria de fio: observa-se fios simples muito finos e muito torcidos, e fios simples mais grossos de torsão menos apertada. Estas variações compreendidas entre 0,2 mm e 1mm afectam os fios independentemente do sentido de tecelagem (fig. 6). No entanto, a maioria dos fios simples mede entre 0,6 e 0,8 mm de diâmetro.

Os fios retorcidos são geralmente constituídos por um fio simples muito fino e por um fio simples mais grosso. Muito folgada, a retorsão é de fraca qualidade. Por outro lado, a utilização de fios de espessura distintas produz espirais desequilibradas: o fio mais fino parece virar em torno do mais grosso que parece pouco afectado pela retorsão (fig. 7). O diâmetro destes fios retorcidos é de aproximadamente 1 mm.

Ainda que o trabalho seja constituído por fios simples e retorcidos, a grande maioria dos fios são simples, de torsão em “S” e medem aproximadamente 0,7 mm de diâmetro.

Podemos então interrogar-nos nas razões que levaram o tecelão a introduzir pontualmente fios retorcidos no trabalho.

Redução

A redução diz respeito ao número de fios dispostos lado a lado, na urdidura como na trama, para um centímetro de tecelagem. Enumeramos (contabilizando todas as distorções):

OY : 10-12 fios por cm

OX : 10-12 fios por cm

Trata-se de um tecido equilibrado por ser constituído pelo mesmo número de fios nos dois sentidos da tecelagem.

Padrão de tecelagem

O padrão de tecelagem designa o modo de entrelaçamento dos fios da urdidura e da trama. Independentemente do tipo de tear utilizado, os fios da trama passam perpendicularmente por cima e por baixo dos fios da urdidura. O tipo de padrão varia em função do número de fios da urdidura que são tomados ou deixados pelo fio da trama.

O lance designa o caminho percorrido pelos fios de trama através dos fios de urdidura.

O padrão utilizado para a confecção deste tecido resulta de um ligamento tela: trata-se de um lance de entrelaçamento de dois fios de trama e dois fios de urdidura. A relação de padrão é de quatro fios de trama e de quatro fios de urdidura; as duas faces do tecido são idênticas (fig. 8 e 9).

Particularidades técnicas

Como já foi anteriormente referido, nenhuma orla, borda e costura foram observadas nos vestígios conservados.

Em contrapartida, o fragmento nº2 permite observar o trabalho de três fios em simultâneo. É difícil pronunciar-se sobre as suas orientações. No caso de se tratar de três fios da urdidura podemos pressupor a ocorrência de um erro de enfiamento, a cedência de um fio da urdidura durante a tecelagem, ou o reforço pontual do tecido neste sítio. Na eventualidade de se tratar de três fios da trama, podemos supor que tenha sido um desejo decorativo ou um erro de tecelagem (em vez de passar dois fios de uma só vez como é habitual, o tecelão terá erradamente cruzado mais uma vez) (fig. 10).

Por razões relativas a preparação dos fios de trama (ver *infra*), é verosímil que estes três fios sejam orientados no sentido da urdidura.

Reavaliação da orientação do tecido

Apesar de não ser regra, o fragmento nº1 é marcado pela ondulação de fios mais firmes num sentido do que no outro. Esta particularidade caracteriza normalmente os fios de urdidura que se ajustam com os relevos formados pela trama. Pelo contrário, esta aparece mais esticada.

Este argumento é confirmado com um pormenor várias vezes observado no suposto sentido da trama. Trata-se do cruzamento de fios inseridos numa mesma cala (fig. 11). A *cala* corresponde à abertura da urdidura, provocada pelos cabos, por onde passa a trama.

Isto não pode ocorrer com os fios de urdidura que, para ser urdido, necessitam de ser ordenados e esticados paralelamente uns aos outros. Em nenhum momento estes são levados a cruzarem-se.

O tratamento da trama permite no entanto realizar mais fantasias. Neste caso, não se trata de uma manifestação voluntária mas sim de um acaso vinculado pelo posicionamento de fios. Esta particularidade documenta-nos sobre o modo de inserção da trama na tecelagem. Para obter um entrelaçamento pode-se passar separadamente os fios da trama numa mesma cala, ao ritmo de duas vezes por lance, ou passar um só lance da trama formado por dois fios. O cruzamento dos fios observados indica que o artesão tinha preparado anteriormente a navete (instrumento que enrola uma grande quantidade de fios da trama e que por um movimento de *vaivém* introduz o fio da trama entre os fios da urdidura) enovelando dois fios juntos; a cada mudança de cala só tinha que passar um só lance de trama. Esta preparação permitiu certamente ganhar tempo durante a tecelagem.

Finalmente e apesar de não ser um dado determinante para a orientação do tecido, a presença de alguns fios torcidos desperta a atenção (ver fig. 7). O facto da retorsão ser fraca e dos dois fios associados se apresentarem sistematicamente com uma espessura diferente sugerem mais épissures do que reais fios torcidos. Estes fios podem resultar de reforços ou ajustamentos de fios de urdidura fragilizados ou partidos aquando da tecelagem. Por estas razões, estas operações podem também ter ocorrido durante a fiação.

3 – Condições de execução e conclusão

A confecção deste tecido necessita da utilização de um tear de pelo menos duas barras. Também é possível utilizar um dispositivo de quatro barras, permitindo uma maior variação ao nível dos padrões de tecelagem e uma maior regularidade na execução. Neste caso, cada fio é introduzido individualmente no liço. Segundo as observações efectuadas um fio de trama duplo foi utilizado para confeccionar este estof: supõe-se uma preparação da navete, permitindo assim poupar tempo durante a tecelagem.

No que diz respeito ao tecido, trata-se de uma matéria-prima de origem vegetal, toscamente preparada. Os fios utilizados são de qualidade variáveis: não são homogéneos, nem a nível dos diâmetros nem a nível das torsões. Alguns, fragilizados pelo trabalho da tecelagem (usura, fricções) ou devido a má qualidade da fiação (torsão muito apertada ou insuficiente), foram reforçados deixando antever o que parece ser épissures relativamente fracas. A redução do tecido seria média para um ligamento tela simples mas, no caso de um entrelaçamento 2/2, ela aparece menos fina. Isso deve-se ao facto dos fios trabalharem por pares, engendrando menos movimentos durante a tecelagem. Enfim, alguns erros parecem ter-se infiltrado no trabalho.

Em conclusão, o tecido que cobria o tesouro monetário era de fabrico frustre.